



# TENDÊNCIAS CONSTRUTIVAS

NO

ACERVO

DO

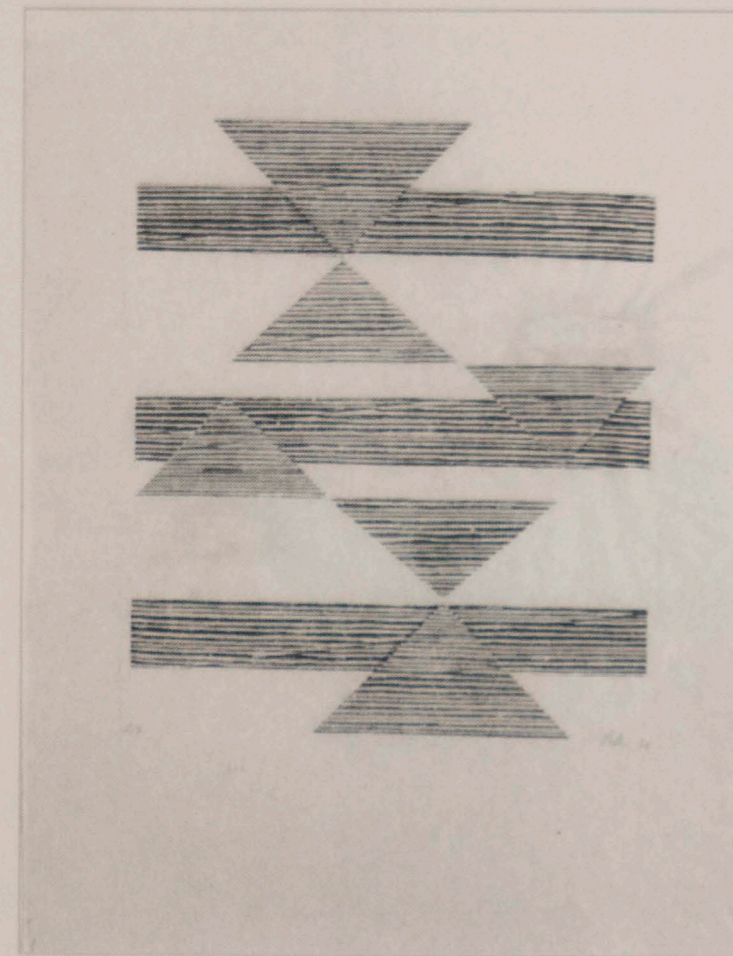
MAC USP

*"A (arte) construtiva audaciosa e ativamente, contrasta a criação do Homem com a criação da Natureza expressando o instinto da vida, sua beleza e sua energia e, em vez de imitar e refletir suas formas pré-existentes, cria formas completamente novas como signos e símbolos do Homem, o conquistador da natureza".*

A. Filippov

O desenho de formas geométricas é uma experiência fundamental. Desde os tempos mais remotos o homem primitivo já as usava nas suas pinturas corporais e decorações aplicadas em objetos de cerâmica, por exemplo, semelhantes às que conhecemos nos vasos marajoaras, de nossos índios do Pará. Ao realizar estas pinturas, o artista ordena suas idéias e se harmoniza com seu mundo. Organizar um espaço dispondo nele formas geométricas exige uma clareza mental que é fruto de idéias bem definidas. Exige de seu criador uma personalidade equilibrada e determinada.

Como entender essas obras? Cabe ao espectador permitir-se o tempo de deixar acontecer dentro de si a satisfação da descoberta. Perceber o despertar de associações e lembranças. Sentir o prazer intelectual e emocional que as verdadeiras obras de arte produzem.



Lygia Pape

Nova Friburgo, RJ, Brasil, 1929

Sem Título, 1956

xilografia s/papel, 28,0 x 23,7 cm

Doação MAMSP

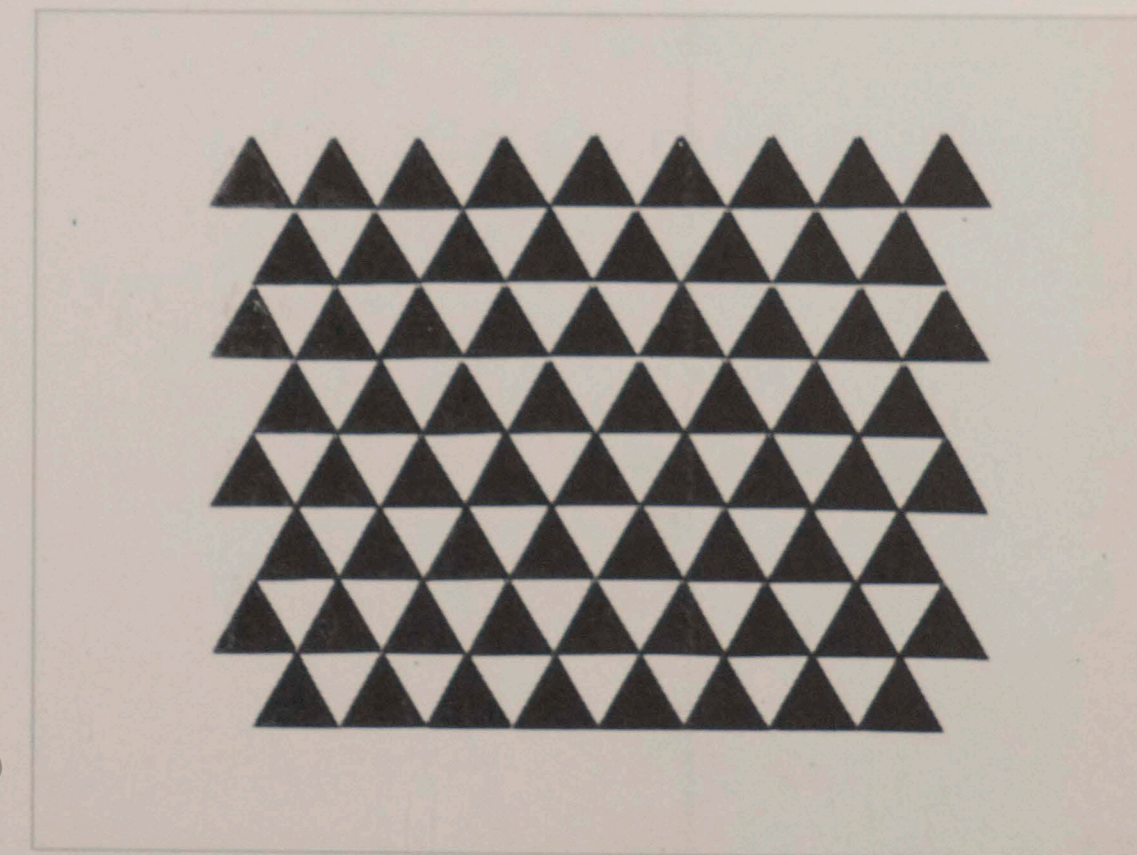
Luiz Sacilotto

Santo André, SP, Brasil, 1924

**Concretion 5629**, 1956

esmalte sintético s/alumínio, 60,0 x 80,0 cm

Doação MAMSP



Desde o início do século XX, com a disseminação de diversos meios mecânicos de reproduzir imagens representativas da realidade como a vemos - a fotografia, cinema, TV e outros - as artes plásticas puderam se libertar de sua obrigação de ser uma janela para o mundo, de ter um conteúdo narrativo ou ilustrativo.

É o momento da história conhecido por Modernismo, no qual se valoriza o novo, o progresso, a ciência e a tecnologia. E neste ambiente, os artistas procuram criar a ciência da arte e participar, através dela, do esforço geral de construção de um mundo novo, melhor, organizado, "moderno". Eles, como toda a sociedade, acreditam nas infinitas possibilidades da pesquisa científica e entregam-se à criação da arte/ciência. O artista moderno, como um cientista, passa a pesquisar as possibilidades poéticas próprias e particulares da pintura e da escultura. Ele explora a tela - um campo limitado e bidimensional - estudando relações de formas, cores e de diferentes materiais, e pensa a escultura como uma matéria que captura o espaço. E neste processo surge a arte abstrata.

Dentro das diferentes soluções e caminhos encontrados, duas grandes vertentes emergiram dessa pesquisa. A primeira tende mais para a emoção, que valoriza em especial a expressão dos

sentimentos e do "eu" do artista. A outra dá mais ênfase ao lado racional do homem, a sua capacidade inteligente de organizar e resolver o caos.

Esta exposição mostra obras produzidas por artistas que se identificam com este último grupo. Homens e mulheres que se alinham com as vanguardas progressistas, racionalistas e tecnológicas da Idade Moderna. Eles são utopistas e sonhadores na medida em que se acreditam com força suficiente para transformar o mundo e a sociedade. Arte como um modo atento de estar no mundo, em oposição aos artistas mais preocupados com seus sentimentos e dramas individuais.

A História da Arte identifica na arte geométrica duas grandes correntes: uma privilegia os aspectos estéticos, filosóficos e mesmo espirituais da arte, buscando uma linguagem de penetração universal, criadora de uma nova cultura para um novo homem. Piet Mondrian, holandês, entre os primeiros artistas de nossa era a criar obras utilizando-se apenas de linhas verticais e horizontais, acreditava que a humanidade poderia ser levada a níveis espirituais mais elevados através da arte. A arte pura e harmoniosa tem o poder de influenciar a vida e criar a harmonia, afirmava.

A outra grande corrente serve de meio de expressão aos que acreditam na função política e social do artista em ordenar o mundo e torná-lo compreensível para o povo. "A tarefa do artista é mudar o mundo, não representá-lo" escreveu o construtivista russo A. Filippov. É dever do artista, como um indivíduo com visão de mundo esclarecida, liderar as massas.

No geral, os produtores de arte geométrica construtivista desejam inventar uma realidade própria das artes, um objeto que fale sobre temas inspirados na matemática, em questões como o espaço e o não/espaço, sobre a idéia da permanência, a obra como uma presença. É freqüente o artista que almeja representar a idéia de tempo através de movimento em oposição ao tempo interior/atemporalidade, estático. Em vez de usar a cor como suporte, ou seja, apenas para colorir, usa-a por seu significado próprio.

Representativos do Movimento Construtivista - que surgiu na Rússia em 1920 e que se espalhou por toda a Europa, particularmente nos centros mais industrializados - apresentamos as obras de Sophie Taeuber Arp, **Triângulos opostos pelo vértice, retângulo, quadrados, barras**, 1931; de Vordemberge-Gildewart, **Composição nº 99**, 1935; de Cesar Domela, **Sem Título**, 1942, bem como de Richard Paul Lohse, **Tema em duas dimensões**, 1946. Entre os artistas europeus encontramos também obras de tendência geométrica de autoria de Richard Mortensen e François Morellet, com uma menção especial para a obra **Homenagem ao quadrado: Signo raro**, 1967, de Josef Albers, que se tornou inconfundível ao tratar da questão básica forma-cor sobre uma superfície plana, utilizando-se incansavelmente do quadrado em diversas combinações de tons. Apontamos, ainda, para as obras tridimensionais de Pietro Consagra, Robert Jacobsen, Walter Linck que incorporam o espaço em suas composições.

Na América Latina, a partir dos anos 40, a maioria dos artistas modernos pretendia se libertar da carga cultural do colonizador europeu e se alinhar com a arte do progresso, da industrialização. Procurando o domínio do intelecto sobre o emocional através da disciplina da arte geométrica, porém, muitas vezes, enraizados que são em suas culturas nativas, alguns artistas chegam ao transcendental, criando obras que são identificadas como sendo de um geometrismo emocional, sensível. Eduardo Ramirez Villamizar é um bom exemplo desta afirmação. Em **Construção Vermelha**, 1969, ele joga com os elementos luz e sombra. O espaço se dinamiza em torno de um eixo vertical com planos diagonais que se lançam como vetores.

O ideário do construtivismo criou, ao longo das décadas, diferentes ramificações nos diversos países, inclusive no Brasil, uma das quais foi muito forte na São Paulo e no Rio de Janeiro dos anos 50. Chamou-se Movimento Concreto, pois se constituiu num verdadeiro movimento social e cultural. Seus membros organizavam exposições e publicavam manifestos nos quais declaravam o propósito de educar o gosto das massas através da arte, utilizando-se do desenho industrial e de programação visual. Inspiravam-se nos conceitos da Arte Concreta surgida na Suíça, que advogava a criação de produtos bonitos e racionais, ou seja, de boa forma, uma combinação de beleza e função. Max Bill, o mentor deste

movimento, esteve no Brasil fazendo conferências a respeito destas idéias e foi o vencedor do Grande Prêmio da I Bienal de São Paulo, em 1951, com a escultura presente nesta exposição, **Unidade Tripartida**, 1948/49.

Podemos apreciar também obras de Waldemar Cordeiro, Luiz Sacilloto, Lothar Charroux, Maurício Nogueira Lima e Judith Lauand, bem como de Geraldo de Barros e Alexandre Wollner, os introdutores da Arte Concreta em São Paulo, juntamente com Hermelindo Fiaminghi, e Almir Mavignier, também presentes na coleção. Neste conjunto Abraham Palatnik acrescenta movimento efetivo a seu estudo de cores. Os trabalhos dos cariocas Lygia Clark, Lygia Pape, Hélio Oiticica e Ivan Serpa também pertencem, neste momento, à estética e às idéias concretistas. A escultura de Mary Vieira é exemplo de uma "idéia visível", conforme ditado pela arte concreta.

Porém nem todas as obras nesta mostra foram criadas com o propósito de melhorar o mundo. Fundamentados em preocupações estéticas e filosóficas, vários dos artistas aqui presentes procuram, através de obras depuradas, com poucos elementos e cores definidas, chegar à essência da arte. Eles almejam por uma linguagem não contaminada por significados, que possa ser compreendida em qualquer parte do mundo. Criaram um estilo atemporal que está na raiz de muitas obras produzidas até hoje, como podemos observar nas esculturas de Franz Weissmann, Sérvulo Esmeraldo, Macaparana, Emanuel Araújo e Jandyra Waters. Em Rubem Valentim são evidentes inspirações afro-totêmicas. Nos trabalhos de Hércules Barsotti, Willys de Castro, Anatol Wladyslaw, Odetto Guersoni, Antônio Lizárraga, Bárbara Schubert Spanoudis, Valdeir Maciel, Arnaldo Ferrari e Sônia Von Bruscky em nova fase. Arcangelo Ianelli, nas pinturas aqui presentes, já demonstra preocupação com a textura que se justapõe ao tratamento geométrico/sensível da composição.

São diferentes gerações de artistas brasileiros que têm como traço comum a busca no que cada técnica tem de particular e essencial, criando trabalhos que são universais justamente porque não representam uma realidade particular.



**BANCO DO BRASIL**

**BRASILSEG**

Seguradora do Brasil SA

USP/MAC

**Período da exposição**

De 01 de agosto a 29 de setembro de 1996.

**Centro Cultural Banco do Brasil**

Rua Primeiro de Março, 66 - 2º andar

Centro - Rio de Janeiro - RJ

Informações: (021) 216 0237